

As Cartas De Inglaterra pelo Bruxo de Póvoa de Varzim

“ - invadem o Afeganistão, e aí vão aniquilando tribos seculares, desmantelando vilas, assolando searas e vinhas: apossam-se por fim da santa cidade de Cabul; sacodem do serralho um velho emir apavorado; colocam lá outro de raça mais submissa, que já trazem preparado nas bagagens, com escravas e tapetes; e, logo que os correspondentes dos jornais têm telegrafado a vitória, o exército, acampado à beira dos arroios e nos vergéis de Cabul, desaperta o correame, e fuma o cachimbo da paz... Assim é exatamente em 1880.”

Este é um trecho da primeira das doze cartas de Eça de Queiroz publicadas pela Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro entre 1880 e 1882. Ao iniciar esta carta, onde os invasores do Afeganistão são os ingleses, o autor cita a seguinte frase: “A História é uma velhota que se repete sem cessar”, dando ao leitor seu testemunho, ao comparar o que acontecera no Afeganistão em 1847 e depois em 1880. Nesta carta ele coloca com indignação o que a Inglaterra fez na Irlanda e no Afeganistão; destruindo o primeiro e subjugando o segundo. Cabe ressaltar que ele mostra as razões do surgimento de movimentos rebeldes (Fenians, Mollie Maguire e Liga da Terra) que em tempos mais recentes viriam a formar o IRA. O escritor ocupava o posto de cônsul de Portugal na Inglaterra, daí a possibilidade que tinha de conhecer a estrutura política e social daquele país, seu relacionamento com as colônias e a triste política expansionista que arrasou culturas milenares. Deve-se dizer também que ele foi testemunha de muitos dos eventos que mencionou e daí a importância dessas cartas.

Eça pensa o mundo e mostra a solução de base humanista para os problemas de então (de então?!). Ele tem a precisão jornalística aliada ao senso crítico e o fino humor que lhe eram peculiares.

Pode-se comparar o poderio dos ingleses naquela época ao dos americanos no século XX e o escritor frisa justamente o aspecto imperialista que movia o mundo sempre no sentido favorável à Grã-Bretanha. Como acontece na maioria das vezes o invasor destrói a cultura do povo subjugado e impõe a própria, muito mais recente se comparada, por exemplo, às da Índia ou do Afeganistão; seu único objetivo é enriquecer e espoliar.

Há algumas destas cartas que falam de coisas triviais, mas que, no entanto, são regadas pela mais refinada ironia queirosiana, como aquelas que em que ele discorre sobre o hábito dos ingleses terem estações para tudo: estação de caça, de cricket, a das regatas e por fim a estação dos livros. Tudo isso movido pelo modismo e por uma sociedade com valores superficiais, por ele denominada de “os dez mil de cima”. Na terceira carta cujo título é “O Inverno em Londres” ele aponta o gosto pelas aparências e pela futilidade que reina entre os mais ricos, e que afinal, o mau tempo característico da região e naquela ocasião com possibilidade de ser ainda mais intolerável, colocará todos, ricos e pobres, na mesma situação.

Nota-se em todas as cartas a preocupação do autor em mostrar a segregação social que havia na Inglaterra e como os “dez mil de cima” viviam de maneira fútil, mas, além disto, para os ingleses as culturas de outros povos eram inferiores a sua; eles eram a medida áurea da humanidade.

Inegavelmente, Eça trata de problemas cruciais da época; suas observações, ácidas e ao mesmo tempo carregadas de humor, sugerem ao leitor um mundo político muito parecido com o nosso, onde, a disputa pelo poder atingiu as raias da loucura.

O discurso do autor em suas cartas está sempre permeado por indignação e pode-se dizer, permeado também por um sentimento de luta pela justiça social, posição esta que vai de encontro ao pensamento que predominava na Europa no fim do século XIX. O escritor realista dá lugar a um missivista que pesa as duas realidades: a dos vencedores e a dos vencidos.

Em “Literatura de Natal” o autor pondera sobre a importância da literatura própria para crianças e o papel dessa mesma literatura na formação de uma sociedade. Note-se que ele faz uma crítica mordaz ao seu país, que, onde, segundo suas observações, não há preocupação com a produção literária, notadamente a literatura infantil, que nas festas de Natal chega às mãos das crianças portuguesas a partir de traduções e isto faz com que Eça pense numa literatura infantil baseada na cultura portuguesa. Nitidamente realista é a sua opinião sobre como os livros para crianças deveriam ser escritos: “Raras vezes se leva o espírito da criança para o país do maravilhoso: - não há nestas literaturas nem fantasmas, nem milagres, nem cavernas com dragões de escamas de ouro; isso reserva-se para gente grande”. Ao contrário, ele pede que a literatura infantil seja contada com clareza, pureza e simplicidade e que ela possa fornecer ao pequeno leitor exemplos de superação e êxito obtidos pelas qualidades morais.

Nessas cartas pode-se ver um Eça de Queiroz dividido entre a indignação e a apreciação da vida: ao mesmo tempo vociferando contra a situação na Irlanda e louvando o sabor de uma ave da Escócia, gorda e saborosa.

Quando o teor da carta se refere ao Primeiro Ministro inglês, Lord Beaconsfield, também é possível que se aquilate a capacidade do autor de entender e analisar situações de maneira lógica e propor soluções, fazendo assim o papel do intelectual que não se isolou na torre de marfim, mas, que também não pode mudar o mundo. Aqui se pode ter a noção histórica em tempo real e medir os acertos de nosso bruxo. O político citado, por ser de origem judaica, é foco da especulação do autor acerca dos problemas sociais que envolviam os judeus na Europa desde a Idade Média. A comunidade judaica é elogiada por sua inteligência e sua capacidade, trabalho e ao mesmo tempo, criticada por seu isolacionismo. A prosperidade dessa mesma comunidade, aliada aos movimentos sindicais e revolucionários faz com que a burguesia a veja com maus olhos, e, portanto, ele vaticina: “O Estado alemão deixa a colônia judaica em presença da grossa população germânica - e lava simbolicamente as suas mãos ministeriais na bacia de Pôncio Pilatos.”. A carta “Israelismo” é publicada no dia 7 de janeiro de 1881, pela Gazeta de Notícias, com o título de “Perseguição aos Judeus” e traz algumas linhas onde o escritor adverte sobre uma perseguição aos judeus na Alemanha, “...das boas, das antigas, das Manuelinas, quando se deitavam à mesma fogueira os livros do rabino e o próprio rabino”. Essa situação dos judeus na Europa será radicalizada pouco mais de meio século depois de proferidas as palavras do autor.

Mas, a figura de Lord Beaconsfield (Benjamim Disraeli), grande personalidade de então, merece de nosso escritor um capítulo especial justamente por ter este político vindo de classe social baixa, por ter se tornado cristão, e, por essas razões, suficientes para que o mesmo se

dedicasse a resolver os problemas sociais que conhecia, em vez disso, se transforma em pessoa extravagante, escrevendo para uma “sociedade rica, nobre, literária e requintada...”.

O grande enigma em relação ao Lord Beaconsfield é: como a Inglaterra Vitoriana rendeu-se a uma pessoa que era a antítese do seu modelo. Talvez por essa razão, por uma necessidade de contraposição, Eça nos garante.

As cartas num dado momento são verdadeiras aulas de História. A de número nove está dividida em seis partes e é uma aula sobre a dominação do Egito pelos europeus entre os anos de 1881 e 1882 e que termina com o bombardeio da cidade de Alexandria pelos ingleses. É apontado o passado histórico da região de Alexandria, seu apogeu, e por fim pelas mãos dos europeus, que detinham poder político e militar na região, é destruída. A razão foi simplesmente o aparecimento de um movimento de libertação do povo árabe no Egito. Esse povo, que era dominado por europeus, reage à opressão e por isso ter-se-á linhas e mais linhas mostrando um conjunto de arbitrariedades cometidas pelos mesmos europeus e também pelos chefes políticos do Egito. Qualquer semelhança não é pura coincidência. Ainda naquela carta o autor considera a diferença religiosa entre os cristãos e muçulmanos e pelo fato de terem morrido várias pessoas no ataque inglês e de os jornais terem “chamado a isto o massacre dos cristãos; eu não quero ser de modo algum desagradável aos meus irmãos em Cristo, mas lembro respeitosamente que isto se chame matança dos muçulmanos”. Portanto, o ponto de vista do escritor é de extrema atualidade se forem lembrados os acontecimentos recentes, desde a invasão do Iraque até o que se convencionou chamar de Primavera Árabe.

Ele salienta a possibilidade remota (naquele momento) da guerra santa por terem sido os árabes destruídos em sua cultura religiosidade pelos europeus; tão remota possibilidade como a de haver uma Cruzada, pois, os muçulmanos estão sem unidade e o “nosso Messias vai-se cobrindo, pouco a pouco do pó que levanta o arado da razão”.

A abertura do Canal de Suez é mencionada nas cartas e em parte existe a possibilidade de se compreender todo o interesse e intrigas que envolveram este fato

Existe uma carta toda especial que fala sobre a relação Brasil-Portugal, a partir de um artigo do jornal Times; nela o autor tece críticas ao seu país no que diz respeito à cultura e à falta de maiores aspirações do povo português. Aqui é examinada a situação de Portugal em relação à Europa, a situação de Portugal em relação ao Brasil e a opinião dos ingleses em relação a Portugal e ao Brasil. Ele lamenta que Portugal não tenha seguido os passos de países europeus no que tange ao desenvolvimento científico, às novas tendências filosóficas e intelectuais, mantendo-se preso ao pensamento pequeno-burguês.

Chega-se por fim a uma carta cujas aparências enganam porque, através das peripécias de uma festa infantil onde as crianças se vestem de personagens históricos é demonstrado que para aquela sociedade no fundo tudo é superficial e infantil, e que como as crianças, os adultos usam máscaras e a vida é quase que uma peça de teatro.

O livro termina com uma carta, onde Eça relata o fato de o Times, ao publicar o discurso de um sisudo ministro inglês, termina publicando um discurso alterado, ora linhas severas, ora

linhas eróticas numa brincadeira que estremece a sociedade vitoriana. Ele explora o acontecimento de maneira divertida e crítica.

Eça interpreta a alma individual e a alma social fazendo da sua pena uma varinha mágica e do seu livro uma bola de cristal.

Em tempos de Harry Potter é bom ler o presságio do nosso Bruxo-Mago, Eça de Queiroz, sobre os ingleses: “Nunca se fundem, nunca se desinglesam”.

Cartas de Inglaterra Eça de Queiroz

Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Ltda. Editores 1924

Beatriz Balter Sanches.